

Um Pequeno Glossário Terminológico Bilingüe Hebraico-Português da Páscoa Judaica

Maria Youssef de ABREU ¹
Adja Balbino de Amorim Barbieri DURÃO
Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Este trabalho tem o propósito de apresentar um glossário bilingüe hebraico-português de trinta termos temáticos da ‘páscoa judaica’, organizado com base em considerações da ciência terminológica, visando a contribuir para o desenvolvimento da lexicografia didática.

Palavras-chave: lexicografia didática; glossário hebraico-português.

Resumen: Este trabajo tiene el fin de presentar un glosario bilingüe hebraico-portugués de treinta términos temáticos de la ‘pascua judaica’, ordenado con base en consideraciones de la ciencia terminológica, con el objeto de contribuir para el desarrollo de la lexicografía didáctica.

Palabras clave: lexicografía didáctica; glosario hebraico-portugués.

Introdução

O léxico constitui-se no acervo do saber vocabular partilhado de um grupo sócio-lingüístico-cultural. O universo lexical de um grupo sintetiza sua maneira de ver e de sentir a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo ao seu redor, assim como designam as diferentes áreas do conhecimento. Neste sentido, na medida em que o vocabulário recorta realidades de mundo, também define diferentes fatos culturais. O presente artigo tem como meta apresentar um glossário de termos específicos relacionados à páscoa judaica, apoiando-se nos pressupostos teóricos da Terminologia.

¹ Aluna Especial do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.

A Terminologia é uma área do conhecimento lingüístico que estuda subconjuntos do léxico das línguas. Esse subconjunto de unidades terminológicas que constitui seu objeto de pesquisa insere-se no universo referencial e, deste modo, pressupõe uma teoria da referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código lingüístico correspondente (BIDERMAN, 1998, p. 17). Para Cabré, esta área do saber “baseia-se [...] na natureza do conceito, nas relações conceituais, na relação termo-conceito e a atribuição de termos aos conceitos ocupam uma posição chave...” (CABRÉ, 1993, p. 32). A Terminologia, portanto, caracteriza um enfoque que parte do conceito para o termo, servindo de base para a elaboração de dicionários específicos, os quais registram unidades referentes a uma ou mais áreas específicas, com informações procedentes de textos especializados.

No âmbito da aquisição de línguas estrangeiras, os estudos e as pesquisas desenvolvidas na área terminológica, encontram-se na base do processo de elaboração de dicionários e métodos dirigidos ao ensino. Durante o aprendizado de uma língua, todo aprendiz é conduzido a adquirir conhecimentos sobre os princípios que regem o funcionamento estrutural da língua alvo e a dominar um conjunto lexical mais amplo e variado possível. Deste conjunto, constam termos ou unidades terminológicas usados em diversos domínios de especialidade. Ao comentar sobre as várias aplicações dos conhecimentos terminológicos, Barros (2004) confirma esta idéia e declara que “a preparação de unidades didáticas relativas a domínios específicos da vida e da cultura de um povo calca-se, fundamentalmente, em estudos terminológicos” (BARROS, 2004, p. 73).

Ao organizar e descrever um vocabulário como o que se pretende reunir neste trabalho, contribui-se, de maneira geral, para a “lexicografia didática”, a qual corresponde a um estudo lexicográfico dirigido à elaboração, à análise e ao estudo de dicionários utilizados em contextos escolares. Através deste trabalho, pretende-se contribuir, de maneira particular, com aprendizes de língua hebraica e alunos de cursos de Teologia, no que tange ao aprendizado do léxico, daí a tentativa de propor um conjunto de informações históricas e culturais desta comunidade de falantes, as quais, sem sombra de dúvidas, levarão a uma maior compreensão das formas de pensar dos falantes dessa língua e, conseqüentemente, do significado de tais termos.

A justificativa para a facção deste trabalho deve-se à observação de que inexistem dicionários especializados nesta área do saber. É certo que alguns professores utilizam glossários terminológicos de modo limitado por desconhecerem sua importância como recurso didático no ensino de línguas. Sabe-se da existência de alguns poucos dicionários bilíngües hebraico-português/português-hebraico no Brasil, dentre os quais destaca-se o *Dicionário Hebraico-Português*, de Berezin, de 1980. Todavia, tais dicionários não foram elaborados com o objetivo de servir como recurso didático no aprendizado da língua por parte de estudantes estrangeiros, por isso, normalmente, não proporcionam uma microestrutura que reúna informações que atendam às necessidades desses aprendizes.

A fim de desenvolver este trabalho de modo a dar conta de nossos propósitos, subdividimo-o em três partes: a primeira mostra um brevíssimo relato a respeito dos fundamentos históricos da páscoa judaica, a fim de que o leitor possa situar-se no contexto cultural segundo o qual recorta-se este estudo; a segunda faz uma descrição relativa às informações mais importantes para a elaboração do vocabulário pascal e à microestrutura do mesmo; e a terceira apresenta trinta verbetes, os quais apresentam-se no formato final de suas microestruturas, acompanhados de uma análise, ainda que compacta, sobre os elementos culturais impregnados neste repertório vocabular.

1 Páscoa

A palavra “páscoa” deriva do termo hebraico *pesah* פסח, que significa “saltar”, “passar por cima”. A páscoa é um dos memoriais instituídos por Deus relacionados ao livramento do povo de Israel da escravidão no Egito. A festa da páscoa lembra a primeira celebração, ocorrida há muito tempo, conforme o relato detalhado no livro de Êxodo. Os israelitas seriam poupados do juízo de Deus desde que aspergissem as portas de suas casas com sangue de cordeiro ou de cabrito. O Senhor havia prometido: “Quando Eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito” (Êxodo, 12:13). Todos os israelitas que seguiram essa instrução foram poupados e, para que, através do tempo, rememorassem esse ato de misericórdia de Deus, Deus instituiu a páscoa. No livro de Êxodo (12:14) encontramos: “Este dia vos será

por memorial e o celebrareis como solenidade ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perfeito.” À meia-noite, um Anjo feriu de morte a todos os primogênitos dos egípcios, o que levou o Faraó a permitir a saída dos hebreus do seu cativeiro.

A páscoa judaica é marcada, sobretudo, pelo *seder* סדר, uma refeição realizada em família e que tem um caráter eminentemente didático. Seu propósito é ensinar às gerações mais novas suas origens históricas. É uma cerimônia singular que une, de forma dinâmica e expressiva, rituais religiosos e uma ceia festiva com alimentos simbólicos. A cerimônia de páscoa nem sempre se realizou da mesma forma: ela foi evoluindo com o passar do tempo, em conformidade com o movimentado percurso histórico vivenciado pelos israelitas.

A festa da páscoa é a mais antiga e a maior das celebrações judaico-cristãs, ocupando um lugar de reconhecido destaque. Na perspectiva judaica presente no Antigo Testamento, a páscoa foi instituída, conforme dissemos antes, como um memorial. Seu objetivo era que o povo de Israel trouxesse à lembrança o período de dores sofridos no Egito, bem como a intervenção sobrenatural de Deus no processo de libertação da escravidão do povo. Este momento histórico para os israelitas é extremamente importante, pois marca o início da nação de Israel propriamente dita. Já no Novo Testamento, a páscoa foi assimilada e interpretada à luz do evento de Cristo, simbolizando claramente a substituição, visto que o cordeiro, conforme descreve a narrativa do Êxodo, era morto no lugar dos primogênitos.

2 A Microestrutura

Os termos que compõem o acervo deste trabalho foram selecionados a partir de um *corpus* baseado em dois tipos de fontes: as *primárias*, constituídas por três narrativas bíblicas: 1. a narrativa contida no capítulo doze do livro de Êxodo, texto histórico em que se encontra o fato fundante relacionado à instituição histórica da páscoa judaica; 2. as narrativas do capítulo nove do livro de Números; e 3. do capítulo dezesseis, do livro de Deuteronômio, as quais descrevem a realização da páscoa como memorial pela libertação do povo. As fontes *secundárias* são representadas por manuais de narrativas litúrgicas e orações (*Sidur*, סדר), coletâneas de interpretações e hinos usados durante o cerimonial da páscoa (hagadah de Pessah, **הנדרה אל פסה**), assim como por diferentes textos divulgados por internet.

Esses documentos permitiram a identificação e, posteriormente, a seleção de termos representativos que refletem a evolução da cerimônia pascal, desde a sua instituição nos tempos antigos até o momento presente, possibilitando um acervo lexical que espelha fatos ocorridos no transcurso do tempo e contam a história dos falantes.

Optou-se por este tema por ser a páscoa uma celebração festiva muito divulgada em diversas regiões, estendendo-se a muitos povos e nações e, particularmente, por oferecer informações sobre a história e cultura dos falantes da língua, e isto é algo que pode servir como *input* e estímulo para o aprendizado da língua hebraica.

No que concerne propriamente à organização da microestrutura, esclarecemos que a mesma conterà os seguintes campos:

1. *termo/entrada*: está apresentado em hebraico, em ordem alfabética, com caracteres de imprensa - alfabeto quadrático, pois é este o tipo de escrita normalmente utilizado pelos usuários ideais do glossário. Por motivo de simplificação, utilizou-se, em algumas palavras, a grafia plena, isto é, um tipo de escrita realizada sem o emprego de sinais massoréticos ou vocálicos;

2. *transliteração*: para a passagem dos equivalentes fonéticos do hebraico para a língua portuguesa, usou-se a forma de Transliteração Lingüística oficial, estabelecida pela Academia da Língua Hebraica de Jerusalém e destinada às línguas latinas. Este tipo de transliteração vem sendo tradicionalmente utilizado em trabalhos acadêmicos que envolvem o hebraico;

3. *informações gramaticais*: a indicação para a categoria gramatical dos termos segue a mesma que geralmente é usada nos dicionários hebraicos;

4. *tradução*: a tradução para o português oferece um vocábulo correspondente, quando necessário, acompanha-se tal tradução de sinônimos;

5. *consoantes e vogais*: este campo foi incluído na microestrutura, considerando a dificuldade dos usuários para decifrar os caracteres e a sinalização vocálica da língua.

A definição ocupa papel fundamental no trabalho de levantamento de terminologias, pois por meio dela exprimem-se as características essenciais e específicas de um conceito, de modo a delimitá-lo em relação a outros conceitos. O aspecto da escolha destas

características para compor as definições, partindo de um ponto prático, foi tratado por Wüster (1971) e, posteriormente, reafirmado por Cabré (1993, p. 195), ao considerar que conceitos são representações mentais de objetos concretos ou abstratos e são frutos de um processo de seleção das características relevantes que definem uma classe de objetos e não objetos individuais. A questão da necessidade de algumas características e não de outras está vinculada aos propósitos que se deseja atingir no trabalho terminográfico.

Para a elaboração das definições deste trabalho, optou-se por estabelecer o seguinte:

- *características essenciais*: descrevem a essência do conceito, tais como a origem, sua constituição etc.;
- *função*: descreve a utilidade do termo no domínio em que está inserido;
- *simbolismo*: este campo considera a gama de sentidos religiosos que existem no cerimonial da páscoa e descreve o significado simbólico que o termo representa relativo no mesmo;
- *características complementares*: descrevem as informações adicionais que envolvem questões sócio-históricas dos falantes que contribuem para a compreensão do termo.

Essas são as características que constituem o texto definatório e se revezam no seu interior, atendendo às necessidades próprias do conceito de cada termo. Certas definições, ainda, utilizarão como descritor inicial, o termo genérico (hiperônimo) que pertence à mesma categoria do termo em análise e que se encontra em relação de inclusão semântica referente a este último.

Esclarece-se que os descritores poderão, algumas vezes, corresponder à mesma palavra que representa seu campo semântico; desta maneira, algumas definições apresentarão um texto iniciado por um descritor, seguido das características que o termo exigir. Algumas definições apresentarão um texto curto e conciso; outras, propositadamente, textos mais longos e minuciosos, com o objetivo de oferecer informações mais esclarecedoras.

3 O Glossário

A língua é concebida como um dos elementos de identificação coletiva; é carregada de cultura em todas as suas instâncias. Todavia, no sentido que destaca (CARVALHO, 1989), é o *vocabulário*

que carrega consigo a maior carga cultural, a cultura comportamental comum de uma comunidade. Seguem, abaixo, os termos selecionados para este trabalho:

אֶזוֹב *'ezov* s.f

- hissopo
- alef, tserê, zain, holem vav e bet
- ◆ Erva aromática de cor verde escura, sabor ligeiramente amargo e aroma de menta. Por apresentar as folhas com uma textura bastante crespa e sinuosa, eram utilizadas de modo abundante, no passado, durante os ritos cerimoniais, para reter o sangue do sacrifício de purificação. As folhas do hissopo ainda são usadas como um componente entre as ervas amargas e como adorno na ceia pascal.

בֵּצָה *betsá* s.m

- ovo
- bet, tserê, tsad, patah e he
- ◆ Ovo de galinha bem cozido que é colocado no ângulo superior esquerdo de uma bandeja (*keará*), ao lado de outros elementos simbólicos, a fim de ser consumido em determinado momento da ceia. Sua forma arredondada representa o ciclo de mudanças e, com ele, a esperança de que o templo de Jerusalém seja reconstruído.

בְּרָכָה *berakáh* s. f

- bênção
- bet, shevá, resh, patah, caf, patah e tav
- ◆ Textos específicos de ações de graças a Deus, que são cantados, declamados e representados, antes ou após a ingestão dos elementos ou realização de algum ato durante a solenidade da páscoa.

הַרְסֵת *haroset* s.m

- doce
- he, patah, resh, sameh, holem, samech, tserê e tav
- ◆ Doce de cor vermelho escuro, de consistência firme, preparado com a mistura triturada de maçãs, amêndoas, nozes, cravo, canela, vinho, açúcar e especiarias, colocado no ângulo superior esquerdo de uma bandeja (*keará*), simbolizando a argamassa que os judeus escravos usavam no Egito para fabricação de tijolos.

הַמֵּץ *hamets* s. m

- fermento
- he, camets gadol, mem, segol e tsad sofit
- ◆ Qualquer comida ou bebida preparada a base de trigo, cevada, aveia ou espelta, ou de seus derivados com a presença de fermento.

הַלֵּל *halel* s.m

- louvor
- he, patah, lámed, patah e lamed
- ◆ Termo de etimologia hebraica que significa “louvor a Deus” e sintetiza a característica mais destacada da liturgia pascal, como a música, o canto, as orações, os paramentos, os cânticos e recitações, evocando um sentimento particular de alegria, louvor e gratidão.

הַגְּדָה אֶל פֶּסַח *hagadá* s.f

- narrativa do cerimonial da páscoa
- he, patah, guimel, camets gadol, dalet, camets gadol e he
- ◆ Programa de cerimônia, que se constitui de um livro pequeno e popular na literatura israelita, o qual apresenta, em forma de antologia, um esquema simplificado da origem do judaísmo e dos acontecimentos mais importantes sobre o episódio da escravidão no Egito, com o objetivo de relembrar o passado, estimular o interesse dos descendentes por sua origem, seu passado e difundir-lhes a fé. A narrativa, ainda, descreve e orienta, passo a passo, a ordem das leituras, das recitações, das orações e das canções realizadas durante a celebração pascal.

הַחֲפִיזָה *hitepagut* s.f

- morte de animal
- he, hireq, tav, tserê, pe, patah, guimel, sheva, shureq e tav
- ◆ Ato de abate de um mamífero, ovino ou ave, que deve ser realizado, de modo sistemático, de acordo com as regras específicas de imolação, segundo a descrição dos textos bíblicos.

הַחֲנֻקָה *hitnekut* s.m

- limpeza, purificação
- he, hireq, tav, shevá, nun, patah, kof, shureq e tav

◆ Ato de tornar adequado, no sentido de limpo e puro, no âmbito da religião judaica, algo que será oferecido em sacrifício, ou que terá parte no culto a Deus, obedecendo às regras específicas descritas para este serviço.

זְבַח *zēbah* s.m

- sacrifício
- zain, tserê, bet, patah e he
- ◆ Ato genérico de abate de animais ou aves, para o sacrifício de ofertas a Deus e a outros deuses, o que é realizado mediante rituais com regras estabelecidas no código de leis escrito por Moisés.

זְרוּצָה *zēroá'h* s.m

- osso do antebraço
- zain, resh, vav, tsad e he
- ◆ Osso do antebraço do cordeiro, que é primeiramente grelhado e colocado no ângulo superior direito da travessa (keará), com o objetivo único de servir de memória do sacrifício da páscoa, realizado no passado.

יַיִן *Yain* s.m

- vinho
- iod, pateh, iod, hireq e nun sofit
- ◆ Bebida de uso abundante e comum na Palestina e região; extraída naturalmente da uva, de cor roxa e sem nenhum teor alcoólico, usada de modo repetido de uma taça comum ou individual, durante a cerimônia, simbolizando a alegria, a unidade do povo judeu e sua irmandade com os filhos do patriarca Abraão.

יִצְבָּר *yitsebar* s.m

- azeite
- iod, hireq, tsad, shevá, he, patah e resh.
- ◆ Azeite de cor esverdeada e espesso, extraído naturalmente da oliveira e usado no preparo de alimento e, ainda, em candelabros, para proporcionar luz.

כַּרְפָּס *carpas* s.f

- legumes cozidos
- caf, patah, resh, shevá, pe, patah e samekh
- ◆ Legumes cozidos, como cebola ou batata, por exemplo, que são colocados no ângulo inferior esquerdo da travessa (keará) e mergulhados na água salgada antes de serem ingeridos. Simbolizam o crescimento e o renascimento da vida.

כוֹס *kos* s.m

- cálice
- caf, holem vav e samekh
- ◆ Cálice de cristal, de cor branca e de diversos tamanhos, utilizados tanto de maneira comum, como individual, durante a cerimônia da páscoa, para comportar o vinho tinto e natural de uvas.

כוֹרֵךְ *corech* s.m

- pão sem fermento com erva amarga
- caf, hôlem vav, resh, tserê e caf sofit
- ◆ Sanduíche preparado com pão sem fermento, harosset e ervas amargas mergulhadas na água salgada.

מַרְוֵרִים *marorim* s.p

- verduras amargas
- mem, vav,resh,mem sofit
- ◆ Tipos variados de verduras, como salsaão, alface, endívia ou raízes-fortes descascadas e raladas, de sabor amargo, que são colhidas frescas, colocadas no centro da bandeja (keará) e que, antes de serem consumidas, são molhadas em salmora. Simbolizam o amargo sofrimento dos tempos de escravidão no Egito.

מְנוֹרָה *menorah* s.m

- candelabro
- mem, patah, nun, holem vav, resh, patah e he
- ◆ Candelabro de sete pontas, feito sem emendas e rejuntas, a partir de uma peça de ouro puro batido, com uma base e haste central, de onde saem seis outras hastes, cada haste decorada com três cálices de ouro em formato de amêndoa, uma maçaneta e uma base para a lâmpada, conforme as instruções registradas no livro

de Êxodo. Símbolo da religião judaica, o candelabro é usado em todas as cerimônias religiosas e, no passado, deveria ser cheio de óleo da oliveira e manter-se aceso no templo dia e noite.

מצות *matsat* s.m

- pão sem fermento {pão ázimo}
- mem, patah, tsad, patah e het
- ◆ Pão de formato circular, com medida de cinco centímetros, textura fina, preparado com farinha de trigo, água e sal, sem nenhum fermento, consumido durante a cerimônia da páscoa e simboliza o pão de tormento feito pelos judeus durante sua saída apressada do Egito, quando não houvera tempo suficiente para levedar a massa.

מצרים *mitsaraim* s.m

- Egito
- mem, hireq, tsad, shevá, resh, patah, yod, hireq e mem sofit
- ◆ País localizado no norte africano, onde os hebreus cresceram, constituindo-se povo forte, posteriormente levado escravo sob o jugo de um faraó.

משה *Moshéb* s.m

- Moisés
- mem, holem, shim, patah e he
- ◆ Líder hebreu que conduziu o povo escravo para fora do Egito e a quem a Bíblia atribui a autoria do Pentateuco e a grande parte da legislação israelita, conhecida como “lei de Moisés.”

ניסן *Nissan* s.m

- primeiro mês do calendário judaico
- nun, hireq, samech e nun sofit
- ◆ Primeiro mês do calendário judaico, no qual se realiza a festa da páscoa, conforme as ordenanças escritas no livro de Êxodo.

נגיד *naguid* s.m

- dirigente
- nun, patah, guimel, hireq e dálet
- ◆ Pessoa destinada a dirigir, passo a passo, a cerimônia pascal, por meio de leitura das narrativas bíblicas, cantos e orações.

סדר *seder* s.m

- ordem cerimonial da páscoa {ceia pascal}
- samech, tserê, dálet, tserê e resh
- ◆ Programa de cerimônia da festa da páscoa, chamada de hagadáh pelos judeus espanhóis-sefardim, contendo um relato histórico, elaborado através de perguntas e respostas, dos fatos que fundamentam o episódio pascal. Nas noites que antecedem a páscoa, o seder deve ser explicado pelos pais a todos os filhos, segundo a ordenança descrita no registro bíblico, sejam eles sábios, maus e que não saibam fazer perguntas, rememorando a história do Êxodo.

פסח *péssach* s.m

- cordeiro pascal {festa, memorial}
- pê, segol, samech, patah e he
- ◆ Elemento principal da páscoa, a ovelha e/ou cordeiro é, desde a antiguidade, um dos animais preferidos para o sacrifício. Selecionado dentro do rebanho de pouca idade, sacrificado de maneira que seu sangue fosse inteiramente derramado e nem um de seus ossos quebrados e que é, posteriormente, assado inteiro em forno, com cabeça e pés, num espeto de ramo de romãzeira em forma de cruz e consumido na festa da páscoa. Simbolizava o cordeiro, cujo sangue salvara seus ancestrais escravos no Egito.

צפון *tsafun* s.m

- pão escondido
- tsad, pê, shureq e nun sofit.
- ◆ Uma das partes finais da ceia, em que é ingerido o pedaço maior do matsah que havia sido separado e escondido no início da mesma.

קדש *kedash* v.

- santificar
- kof, segol, dálet, patah e shim
- ◆ Ato de separar, santificar ou ainda diferenciar, por meio de um cerimonial religioso específico, tudo aquilo que é oferecido em sacrifício ou serviço de culto a Deus, sejam pessoas, objetos, alimentos, etc..

רֹשְׁבֵי *roshtsab* sm

- ato de realização da cerimônia pascal
- resh, holem, shim, tsad, patah e he
- ◆ Etapa da ceia pascal, na qual se realiza a segunda ablução, referindo-se ao momento em que os participantes devem lavar as mãos, recitando, simultaneamente, uma oração.

שְׁמוֹת *Shemot* s.m

- Êxodo
- shim, tserê, mem, holem vav e tav
- ◆ Segundo livro constituinte da Torah, escrito por Moisés. Descreve, de modo detalhado, os fatos relativos aos episódios da páscoa.

תּוֹרָה *Toráh* s.f

- lei, instrução
- tav, holem vav, resh, patah e camets gadol
- ◆ Conjunto dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, também conhecido por Pentateuco, incluindo os livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, os quais apresentam registros históricos relacionados à páscoa.

O conjunto vocabular acima arrolado apresenta uma estrita relação com percurso sócio-histórico-cultural vivenciado pelo povo judeu no decorrer dos tempos. Os termos que o compõem denunciam os fatos ocorridos no passado, assim como espelham traços característicos desta cultura. Os elementos simbólicos da ceia pascal, referentes aos termos *péssach* **הַסֵּפֶד** -cordeiro, *matsat* **מַצֵּה** -pão ázimo e *marorím* **מַרְרִים** -ervas amargas, atuam sobre a memória, que a mobiliza de forma que lembre a história no passado. Têm o poder de localizar e selecionar os fatos ocorridos e, de forma direta, também contribuem para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica e religiosa a cada celebração.

Há que se ponderar acerca da dificuldade em se estabelecer uma homogeneidade com relação às diferentes formas judaicas de preparo dos alimentos pascais. Como resultado da diáspora, levas de judeus refugiaram-se em várias regiões do mundo e, por esta razão, surgiram muitos ritos culturais e religiosos revestidos de matizes bem diferenciados e representativos destes grupos. Estas variações culturais

tornam-se bem evidentes na mistura de elementos usados na preparação da receita representada pelo termo *harosset* **הַרְסֵת** por exemplo, na qual identifica-se uma variedade de ingredientes, os quais revelam o trajeto histórico percorrido pelos judeus. Neste doce, de cor vermelho escuro, na região onde residem os judeus *sefaraditas*,² há uma predominância no uso de tâmaras, para preparo desta receita, por ser uma fruta de coloração escura e abundante nesta região. Entre os judeus *aschkenazis*,³ costuma-se usar uma mistura de ameixas pretas ao molho de vinho tinto, com o fim de proporcionar a coloração desejada.

Esta variação de formas culturais em se preparar a refeição pascal também reflete nos diferentes alimentos que compõem a keará, uma bandeja usada na noite da ceia, que contém lugares específicos para acomodar alguns elementos simbólicos. No acervo em destaque, os termos *betsá*, *matsat*, *zeroá'b*, *harosset*, *carpas* e *marorím* representam parte destes elementos. O *zero'ab* **זְרוּעָה**, que significa, literalmente, “antebraço”, representa um osso com pouca carne e simboliza o modo como o “braço” forte com o que Deus libertou os hebreus do cativeiro. Os sefaraditas usam pedaços da perna do cordeiro para representá-lo; diferentemente, entre os askenazis há preferência pelo uso de um osso equivalente à asa ou ao pescoço do frango. O centro da bandeja é o espaço reservado para as ervas amargas, *marorím* **מְרוֹרִים**, as quais, de igual modo, variam entre raízes cruas de endívia, talos de alface, usadas pelos judeus orientais; folhas de salsão e escarola, usadas pelos judeus sírios no Oriente, e raízes de plantas desérticas, pelos judeus *falachas*.⁴ O pão ázimo, representado pelo termo *matsáb* **מַצָּה**, semelhantemente apresenta diferentes ingredientes em sua mistura e maneiras variadas de preparação, conforme a concepção ritualística destes diferentes grupos religiosos.

² O termo sefaraditas deriva de Sefarad, que significa Espanha, e refere-se aos judeus que, saindo da Espanha, se espalharam pela bacia do Mediterrâneo e pela Ásia Menor.

³ O termo askenazis deriva de Aschkenaz- Alemanha, e refere-se aos judeus da Europa Oriental e Central.

⁴ Tribo judaica que habita na Etiópia, com costumes e culto diferentes do tronco judaico principal. Os falachas mantêm apenas algumas tradições de origem bíblicas.

O elemento “religiosidade” aparece nitidamente expresso na maneira pela qual os alimentos são sistematicamente preparados e disponibilizados para o serviço da ceia. Os termos destacados neste artigo integram um tipo ainda mais especial de comida, conhecido por “*cocher*”,⁵ palavra hebraica que significa “adequado,” “permitido” ou “puro.” Os alimentos que integram esta categoria de comida são fabricados por membros da comunidade, de maneira estritamente religiosa, isenta de *hamets* חמץ -fermento, em conformidade às regras e princípios descritos na *Tora*⁶ e nos manuais religiosos.

Não há dúvidas sobre a proximidade existente entre o léxico e a cultura. Estes se apresentam de tal forma amalgamados entre si, que é impossível dissociar um do outro. E no que concerne à língua e cultura em destaques, o léxico é o grande livro que narra a história de seus falantes e influencia para o entendimento da maneira religiosamente particular com que concebem o mundo. Esta bagagem contribui, de maneira bastante relevante, como um instrumento útil para o aprendizado da cultura e da língua objeto.

Este recurso didático é potencialmente significativo para os aprendizes de hebraico, alunos do curso de Teologia, os quais, por limitarem-se ao aprendizado instrumental da língua, têm, neste material, um instrumento auxiliar e útil, tanto no processo de aquisição lingüística, quanto no da ampliação do acervo lexical e, fundamentalmente, na compreensão do pensamento religioso dos falantes.

Referências Bibliográficas

ANTIGO TESTAMENTO POLIGLOTA: hebraico, grego, português e inglês. São Paulo: Vida Nova/Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

⁵ A palavra cosher ou casher refere-se a uma culinária que estabelece o que está apropriado ou não para o consumo, de acordo com as leis judaicas explicitadas na Torá. Envolve um processo gastronômico desde a triagem dos ingredientes, o cuidado em seu manuseio e higienização até o preparo dos mesmos e, finalmente, a supervisão e validação dos mesmos por um rabino conhecido pela comunidade.

⁶ Torá é o termo equivalente ao conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia hebraica, a saber: Bereshit-Gênesis, Shemot-Êxodo, Vaikrá-Levítico, Bamidbar-Números e Devarim-Deuteronômio.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. Trad. Edvino Royer. São Paulo: Paulus, 1999.

BEIT CHABAD. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/>>.

BEREZIN, Rifka Jaffa. **As origens do léxico hebraico**. São Paulo: Edusp, 1995.

BIDERMAN, Maria Tereza. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

CABRÉ, M. T. **La Terminologia**. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CAFETORAH. Disponível em: <<http://www.cafetorah.com>>.

CARVALHO, Nelli Medeiros. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

DICHI Isaac. **Hagadah de Pessah**. Trad. Ivo e Geni Koschland. São Paulo: Soft Paper, 1998.

FRIDLIN, Jairo. **Sidur Completo**. Organização, edição e realização. São Paulo: Sêfer, 1997.

HARRIS, R. Laird. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Trad. Marcio Lourenço Redondo; Luiz Alberto Saião e Carlos Oswaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

SCHLESINGER, Hugo. **Dicionário enciclopédico das religiões**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HANS, Wadenfels; KONIG, Franz. **Léxico das Religiões**. Trad. Luis M. Sander et al. Petrópolis: Vozes, 1995.

WINE, W. E. **Dicionário VINE**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo Testamento. Trad. Luiz Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CDPAD, 2003.

WÜSTER, E. Les classifications de notions et thèmes. Différences essentielles et applications. **Infoterm** 2-71. Londres: Technical Press, 1971.